



OS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO: uma reflexão sobre os usos da noção de discurso¹

THE LIMITS OF INTERPRETATION: a reflection about the uses of the discourse' notion

Thiago Barbosa Soares²

Resumo: Este ensaio possui o objetivo de problematizar os limites da interpretação a partir de três concepções de língua e suas repercussões nesse processo, cujo desembocar dá-se justamente nos meandros da produção de sentidos. Para explicar isso, é feito o rastreamento, não só das noções de língua, mas também de algumas teorias do discurso, que se voltam, por meio de seus instrumentais analíticos, para a compreensão dos objetos simbólicos circulantes no circuito social, como o texto, por exemplo. Além da crítica ao esgarçamento da interpretação, verificou-se, mediante ao edifício argumentativo construído ao longo do ensaio, que as fake news são fruto das interpretações, ancoradas na interatividade dinâmica da língua, abertas pela operacionalidade dos usos da noção contemporânea de discurso e seus efeitos adjacentes.

Palavras-chave: Interpretação. Discurso. Língua.

Abstract: The aim of this essay is to problematize the limits of interpretation based on three conceptions of language and their repercussions on this process, which ends precisely in the intricacies of the production of meanings. To explain this, we look not only at notions of language, but also at some theories of discourse, which use their analytical tools to understand the symbolic objects circulating in the social circuit, such as the text, for example. In addition to criticizing the frayed edges of interpretation, it was found, through the argumentative edifice constructed throughout the essay, that fake news is the result of interpretations, anchored in the dynamic interactivity of language, opened up by the operational uses of the contemporary notion of discourse and its adjacent effects.

Keywords: Interpretation. Discourse. Language

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Interpretar é um processo altamente complexo, que envolve uma série de competências. Lê-se para interpretar. Nesse direcionamento, já é possível distinguir uma compreensão de língua, claro, ao tomá-la como material por meio do qual se interpreta.

¹ Prevê-se para este texto o uso e emprego da noção de discurso segundo teorias do discurso, não de seu uso corriqueiro que se confunde com a fala ou simplesmente com um pronunciamento oficial.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

Todavia, é importante salientar que a interpretação é feita por inúmeros objetos simbólicos, porém, como já havia explicado Benveniste (2014, p. 191), somente a língua é um interpretante capaz de descrever todos os outros sistemas de produção de sentido.

A língua, de acordo com a perspectiva descrita acima, interpreta, por essa razão ler confunde-se com interpretar, de modo análogo decodificar estendeu-se, por muito tempo, a ler. Tais aproximações e suas propriedades teóricas envolvem uma concepção de uso da língua. Uma visão bastante antiga acerca da língua é a de espelho do mundo e do pensamento (KOCH, 1998, p. 9). A língua, no interior dessa concepção, serve para representar o mundo, o pensamento e o conhecimento. Outra, relativamente moderna, é a de instrumento de comunicação. A língua, então, é percebida como um código com o qual um emissor comunica a um receptor mensagens. A principal função da linguagem é a transmissão de informações, nessa última perspectiva.

De espelhamento do mundo para transmissão de conteúdos, as acepções de língua modificaram-se a ponto de a interpretação também passar a ser concebida de maneira distinta. Para a primeira via, interpretar é recriar os objetos simbólicos impressos no espelhamento do mundo e de seus objetos. Conforme a segunda, interpretar é decodificar a mensagem. Marcuschi (2008) critica ambas as concepções de língua por produzirem “teorias da compreensão e da produção textual em que, de um lado, está o texto³ com conteúdos objetivamente inscritos e, de outro, indivíduos que, em condições específicas, podem captar os conteúdos sem maiores problemas” (MARCUSCHI, 2008, p. 139). Nesse sentido, tanto a língua quanto o mundo estão previamente descritos e podem ser correlacionados biunivocamente. Portanto, o texto e seus processos internos são, dentro dessas visadas, um objeto acabado e a designação extensional de coisas por meios linguísticos.

Há outra compreensão de língua que, por sua vez, gera uma nova possibilidade de interpretação. A terceira visão de língua é a de lugar de ação ou interação. Nela, tem-se uma ação interindividual finalisticamente orientada e a prática dos mais diversos atos (de linguagem). Segundo Soares (2018), essa perspectiva trabalha “a língua como atividade sociocognitiva em que a interação, a cultura, a ideologia, a experiência e aspectos situacionais interferem nas diversas práticas sociais, sobretudo, na produção e interpretação dos textos” (SOARES, 2018, p. 81-82). Assim, o texto é percebido como um evento enunciativo-discursivo. Aqui o texto ganha seu maior estatuto: “atividade de interação e coprodução de

³ Neste ensaio, o item lexical texto pode, ou melhor, deve ser lido como processos semióticos de sentidos, desse modo, dá-se a devida amplitude ao seu campo semântico de emprego.

sentidos partilhados” (MARCUSCHI, 2008, p. 139). Com isso, “se chegou a dois consensos: o de que usar a linguagem é uma forma de agir socialmente, de interagir com os outros, e o de que essas coisas somente acontecem em textos (ANTUNES, 2009, p. 49).

Todo esse rastreamento acerca das três concepções de língua e suas repercussões no processo interpretativo deságua justamente nos limites da interpretação, objeto deste ensaio. Ora, não fosse esse percurso, que vai da completa mimese do mundo, passando pela decodificação de informações até chegar à língua como interação, seria bastante difícil compreender seu funcionamento atual em seus registros oral, escrito e multimodal. Portanto, na próxima seção será possível perceber a conexão entre os limites da interpretação, seu esgarçamento e os usos da noção contemporânea de discurso, já que adiante serão apresentadas algumas noções de discurso e de seu aparato conceitual.

1 TEORIAS DO DISCURSO: INTERPRETAÇÕES

A partir da operacionalização da língua, interpretante máximo, como interação social, emergem possibilidades de teorizar tanto a produção dos sentidos quanto a compreensão desses, sob novo prisma interpretativo. Cabe salientar a própria sistematização por meio da qual a Linguística é alçada à ciência piloto (DOSSE, 2007), já que há um deslocamento das propriedades teóricas da língua para seus usos e empregos. Saussure, no *Curso de linguística geral*, ao expor o objeto da Linguística, cria o conceito de signo linguístico, sendo a relação desses negativa, pois um signo é o que outro não é. Desse modo, Saussure prescreve a língua como um “sistema de signos arbitrários” (SAUSSURE, 1972, p. 87). Essa conceituação estruturalista, que vigora até hoje, possibilitou a emergência de entendimentos relevantes para a formulação de teorias do discurso.

Mikhail Bakhtin, na *Estética da criação verbal*, ao referir-se ao uso da língua, diz que essa “efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2011, p. 261). Derivada dessa propositura heurística, desenvolve-se uma teoria dialógica do discurso, no interior da qual os textos são forjados segundo princípios praxiológicos de uso e função social. Assim, o discurso, como uma construção social que se molda em um conjunto de gêneros textuais, é um eco das diversas vozes em disputa no espaço coletivo. Nesse traçado, a discursividade evoca a continuidade do eco das vozes sociais, representações dispostas no circuito comunicacional, para discutir e avaliar as próprias relações sociais transformadas em conteúdos composicionais, formatados por funções específicas de uso e circulação.

Ao lado dessa teoria dialógica do discurso, encontra-se outra perspectiva de base materialista, a Análise do discurso⁴, desenvolvida sob a égide de Michel Pêcheux. Esse autor parte, para traçar um organizado instrumental analítico, da própria concepção saussuriana (durkheimiana) de língua: “a língua é um fato social”. Diante dessa propriedade interna da língua, sua convenção (MAZIÈRE, 2007), Pêcheux define discurso como “efeitos de sentido entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2010, p. 81). Soares (2018) ao explicar a fórmula do discurso proposta por Pêcheux, diz: “Os pontos A e B são as posições ocupadas pelos sujeitos atravessados pela história; os efeitos de sentidos são construídos no uso da língua; a história compõe as condições de produção dos efeitos de sentido” (SOARES, 2018, p. 108).

Salvo algumas diferenças epistemológicas, sobretudo referente ao sujeito e sua constituição simbólica, a teoria dialógica e a Análise do discurso são perspectivas cujas compreensões de uso e função da língua voltam-se para a praxiologia da linguagem no circuito social, de maneira a descrever as formas e os conteúdos de textos, conforme um aparato materialista de visão de sociedade, ou seja, as dissimetrias são compreendidas não apenas no caráter visível dos objetos simbólicos examinados e, conseqüentemente, interpretados, mas, antes, são parte integrante do processo interpretativo focalizado por ambas as teorias do discurso. Em outros termos, tanto uma quanto outra, frequentemente, por possuir no horizonte de suas formulações a língua como ação interativa em seu emprego, explicitam, com vistas a interpretação, os elementos menos aparentes que estão engendrados pelos sentidos inicialmente perceptíveis.

Outra teoria do discurso, que se debruça sobre as produções de sentidos no circuito coletivo, é a derivada dos trabalhos de Foucault. Essa, diferente da matriz epistemológica materialista das anteriores, volta-se para a descrição e interpretação das relações de poder, que estão dispersas no tecido social, de forma a apresentar o discurso como, nas palavras do autor, “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2013, p. 131). Nesse direcionamento, Foucault (2013) assevera: “Assim concebido, o discurso deixa de ser o que é para a atitude exegética: tesouro inesgotável de onde se podem tirar sempre novas riquezas, e a cada vez imprevisível” (FOUCAULT, 2013, p. 147). Por meio dessa acepção de discurso, Foucault (1999) assume que “A análise das discontinuidades, ao contrário, procura antes fazer surgir a coerência interna dos sistemas significantes, a especificidade dos conjuntos de regras e o caráter de decisão que elas

⁴ Existem várias análises do discurso, entretanto, aqui a denominação é genérica e visa abordar algumas teorias do discurso.

assumem” (FOUCAULT, 1999, p. 495-496). De acordo com essa perspectiva, descrever e interpretar os processos discursivos é também compreender as descontinuidades apagadas nas produções de sentido.

Portanto, mesmo nas teorias do discurso de matriz materialista, o externo ao texto é incorporado à dinâmica interpretativa como parcela integrante da construção de seus sentidos e efeitos; segundo uma perspectiva de cunho ultra racionalista, o texto, e suas semioses adjacentes, participam de uma segmentação estruturante, segundo a qual apagamentos promovem o funcionamento necessário às relações de poder. Diante dessas simplificações, Soares (2022), ao ponderar as diversas conexões entre teorias do discurso, afirma que “Muito pode ser dito sobre o discurso, mas, antes de qualquer coisa, é fundamental compreendermos que o discurso é a própria sociedade funcionando manifestadamente através dos jogos de sentidos” (SOARES, 2022, p. 20).

Em vista desses movimentos de sentidos circulantes nas mais variadas modalidades textuais produzidas no circuito social, pode-se corroborar esta observação de Soares (2022) “Sem a língua não teríamos condições de interpretar o que quer que fosse. Por isso, o discurso e suas forças antagônicas são analisados por meio da língua” (SOARES, 2022, p. 20). É justamente por essas aberturas na interpretação, produzidas pelas noções de discurso, ensejadas pela visão de língua como interação social, que as teorias do discurso recebem críticas por demover limites dos sentidos produzidos em objetos semióticos, permitindo, mediante a aplicação do instrumental analítico dessas teorias, outras leituras disruptivas, recursivas ou tensivas. Para verificar um pouco mais detidamente essa problemática, a próxima seção apresenta uma crítica implicada à noção de discurso e seus impactos na interpretação.

2 O PODER DA INTERPRETAÇÃO: OS EFEITOS DAS TEORIAS DO DISCURSO

Antes de trazer a crítica aos efeitos do discurso, como elaborado por algumas teorias – dentre essas encontram-se as já mencionadas – convém revisar rapidamente as três visões de língua: como espelhamento; como codificação e decodificação; e como interação. A primeira advém da compreensão de que há uma equivalência entre o uso da língua e o mundo e seus integrantes, tal como “O princípio fonográfico é manifestado por correspondências entre unidades da fala sem significado (fonemas ou sílabas) e unidades da escrita sem significado (fonogramas ou silabogramas)” (JAFFRÉ, 1997, p. 9 apud NUNES; BRYANT, 2014, p. 22).

Uma pouco distante dessa, a segunda visão da língua fundamenta-se na teoria da comunicação, aprimorada por Jakobson (2010), que propôs seis fatores constitutivos do processo de comunicação e os associou às performances desempenhadas pela linguagem, ao focalizar a codificação e decodificação de sentidos produzidos em todo e qualquer tipo de texto. Por fim, a terceira concepção de língua dirige-se ao entendimento dessa como ação na sociedade, podendo ser sintetizada na seguinte explicação de Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 2011, p. 19).

No horizonte delineado por esse breve recenseamento, pode-se afirmar que as teorias do discurso estão alinhadas à terceira perspectiva, pois consideram o discurso, uso e emprego tanto dos expedientes da língua quanto das relações dispostas no circuito coletivo, como interação, trazendo, assim, uma gravidade para a língua em seus múltiplos desempenhos. Sobre essa importância do discurso, sobretudo no interior de teorias do discurso, recai a crítica de Pluckrose e Lindsay (2021): “A ‘análise do discurso’ desempenha um papel central em todas as áreas; os acadêmicos examinam a linguagem atentamente e a interpretam de acordo com os sistemas de referência teóricos (PLUCKROSE; LINDSAY, 202, p. 58; aspas dos autores). Tal apontamento, inserido na conjuntura na qual as palavras agem, ferem e criam a realidade, demonstra um tipo de esgarçamento do discurso, ou das ferramentas de sua análise, já que se orienta por outras críticas, como a de que, segundo Pluckrose e Lindsay (2021), “o significado é sempre relacional e diferido, nunca pode ser alcançado, e existe apenas em relação ao discurso em que está inserido” (PLUCKROSE; LINDSAY, 202, p. 38).

Nessa esteira avaliativa do poder do discurso e de seus mecanismos de investigação, Pluckrose e Lindsay (2021) apontam a substituição da percepção da realidade única e universal por múltiplos conhecimentos e verdades supostas e igualmente válidas nas quais o conhecimento, verdade, significado e moralidade ganham outros valores, pois, no atual estágio das sociedades ocidentais, esses são “culturalmente construídos e produtos relativos de culturas individuais, nenhuma das quais possui as ferramentas ou termos necessários para avaliar os outros” (PLUCKROSE; LINDSAY, 2021, p. 26). Ora, essa visada foi deslindada pelas noções articuladas de episteme – conjunto dominantes de ideais e valores – e regimes de verdade – verdades provisórias que se modificam conforme a episteme predominante em vigor em uma determinada época – (FOUCAULT, 1999). Eis que a questão revisita: qual o problema de as verdades estabilizadas, como formas de poder disseminadas pelos discursos circulantes na sociedade, perder tal estatuto?

Ainda que a questão pareça simples, sua resposta é altamente complexa e não está, em sua total amplitude, no escopo deste ensaio, porém, uma reflexão, ensejada pela indagação, é parte integrante dos limites da interpretação a partir da noção de discurso e seus elementos de estudo, a saber: se, como foi possível perceber ao descrever algumas teorias do discurso, os objetos do discurso e o próprio são construções sociais, bem como suas leituras – já que são interações fabricadas pelos discursos –, a verdade também é uma construção social, conforme a interpretação de Foucault (1999), então, a mentira também é uma convenção?

Aqui, encontram-se os limites esgarçados da interpretação segundo o emprego da noção de discurso, porquanto todos os objetos simbólicos, presentes em todo e qualquer texto em seus mais variados registros, são construções sociais, que podem ser interrogadas pelos instrumentais analíticos das teorias do discurso. Desse modo, se verdade, mentira, ou, no limite, as ciências são dispositivos de controle de saber-poder, o que difere as fronteiras dos discursos está justamente na gerência de seus regimes de verdade. Portanto, interpreta-se o que se deve ou o que se pode. Todavia, se a estabilidade das verdades, veiculadas pelos discursos, e suas interpretações consolidadas podem ser outras, parece emergir um possível conflito (generalizado): pode-se escolher verdades e interpretações conforme o sabor do momento.

Para que a discussão não fique absolutamente abstrata e vá encaminhando-se para seu desfecho, convoca-se a principal repercussão dos tempos modernos, que, por sua vez, é filha da visão interacionista de língua e aplicação da noção investigativa de discurso, a saber: fake news. Esse fenômeno social, atualmente possui uma série de descrições, entre essas estão: “são conteúdos que fornecem informações falsas ou enganosas que se parecem com um fato jornalístico e espalham principalmente através das mídias sociais”⁵ (HIMMA-KADAKAS, 2017 *apud* MELO-PFEIFER; GERTZ, 2022, p. 339, tradução livre); baseiam-se “na ignorância ou desconhecimento sobre acontecimentos reais” (GALVÃO, 2020, p. 40); e “as fake news não são apenas sobre jornalismo ruim. Elas são uma ameaça à democracia e a sociedade”⁶ (YURKOVA, 2018 *apud* TED, 2018, tradução livre). Diante dessas explicações, pode-se dizer que as tais fake news, um dos derivados da construção social da verdade e suas leituras, respondem ao esgarçamento da interpretação segundo o relativismo concorrente com notícias, talvez verdadeiras.

⁵ No original: “*The spread of false information is based on beliefs that are not quickly formed, but rather a collection of formative experiences through socialization*” (MELO-PFEIFER; GERTZ, p. 339).

⁶ No original: “*Fake news is not only bad for journalism. It’s threat for democracy and society*” (YURKOVA, 2018, *apud* TED, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar esta seção, faz-se necessário lembrar que a interpretação atravessa o tecido social e dá liame às interações e, ao mesmo tempo, formata saberes, como é o caso do senso comum que, segundo Rosenstock-Huessy (2021), “não é tratado como produto histórico. Mas o senso comum é o produto final do conflito entre a natureza animalesca do homem e os papéis sociais que lhe são conferidos pelos nomes” (ROSENSTOCK-HUESSY, 2021, p. 69). Eis uma episteme ancorada nos reflexos culturais, linguísticos, políticos, entre outros, responsável por inúmeras trocas relativamente significativas, mas que, por outro lado, possui uma série de problemas irresistíveis à verificação científica. Nesse direcionamento, pode-se afirmar que o senso comum é composto por um encadeamento de crenças, rituais, comportamentos, entre outros elementos, integrantes de fórmulas de interpretar, que, em muitos casos, são alimentadas por outras áreas do saber humano, como a Ciência. Em outras palavras, o senso comum é, a despeito dos juízos negativos ou positivos embutidos em seu interior, uma grande interpretação relativamente estável do mundo e de seus constituintes.

Todavia, o senso comum é julgado, na esmagadora maioria das vezes em que isso ocorre, por seus defeitos, suas imperfeições e seus problemas associados, como se para secar o bebê de seu banho, fosse preciso jogá-lo fora com a água da bacia. Ora, saber interpretar não é mero caso de espelhar os objetos do mundo, como já fora feito; não é caso de codificar e decodificar; não parece ser apenas empregar a noção de discurso à revelia do tempo, do espaço e das relações organicamente construídas e, justamente, por não haver uma delimitação objetiva para a interpretação, essa foi colocada no lugar próprio da construção e representação social, de modo que o seu esgarçamento engendrou as fake news. É imperioso concordar com o princípio segundo o qual a produção de fake news está em franco diálogo com a visão de língua contemporânea, já que o agir por meio dos recursos disponíveis para isso cria a possibilidade de fabricação não só desse tipo de texto, mas de outros com consequências também deletérias para o corpo social.

As interpretações anticientíficas, conhecidas como discursos negacionistas, parecem ser frutos do esgarçamento da interpretação, pois são conduzidas por quem acredita em não-evidências ou apenas no empirismo simplificado. De qualquer forma, a episteme contemporânea, capaz de subverter toda e qualquer ordem de interpretação pré-estabelecidas, não irá permanecer incólume nesse processo dinamizado pelas novas tecnologias digitais, acessadas por quase todos. Portanto, cabe a esse respeito, uma séria reflexão, para além dos

preconceitos existentes na academia, sobre a interpretação e seus limites, associada à operacionalidade das teorias do discurso, porquanto sem tal empreendimento realizado, com o suporte dos setores de educação e demais instituições responsáveis por disseminar conhecimento qualitativamente verificado, restará, talvez não muito longe deste momento atual, uma interpretação (válida) para cada sujeito com relação qualquer objeto simbólico, como sua forma de agir no mundo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BENVENISTE, Emile. **Últimas aulas no Collège de France**: 1968-1969. Trad. Daniel Costa da Silva [et.al.]. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**. Trad.de Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007. v. 1: O campo do signo.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GALVÃO, Tatiana Maria Silva. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil**. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31967>. Acesso em: 7 set. 2023.

JAKOBSON, Roman Osipovich. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22ª ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KOCH, Ingedore Vilaça. **A Inter-ação pela linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso**: história e práticas. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

NUNES, Terezinha; BRYANT, Peter. **Leitura e ortografia**: além dos primeiros passos. Trad. Vivian Nickel. Porto Alegre: Penso, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

PLUCKROSE, Helen; LINDSAY, James. **Teorias cónicas**. Tradução de Carlos Szlak, São Paulo: Faro editorial, 2021.

ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. **A origem da linguagem**. Trad. Rafael de Souza. Campinas, SP: Kírion, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

SOARES. Thiago Barbosa. **Percurso Linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES. Thiago Barbosa. **Percurso Discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

TED TALK. Inside the fight against Russia's fake news empire. **YouTube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yue6t5UmP4o>. Acesso em 7 set. 2023.

Recebido em: 9 set. 2023
Aprovado em: 1 nov. 2023